

POR QUE ESTUDAR SEMÂNTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

Me. Josinaldo Trajano da COSTA
(PPGL – UERN) - josinaldotrajano@hotmail.com

Me. Francisco Gomes da SILVA
(Prof. SEEC-PB) franciskogsilva@hotmail.com

Esp. Francisca Emília da Costa OLIVEIRA
(Profª SMEC – SOUSA-PB) franemidia@hotmail.com

Ma. Antonia Sueli da Silva Gomes TEMÓTEO
(Profª CAP UERN) suelisilva.17@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho constitui uma reflexão envolvendo a temática do estudo semântico, com especialidade a importância de se estudar a significação das palavras na educação básica. A princípio, abre-se um questionamento sobre o porquê de tal temática, focando a necessidade deste assunto na formação básica, levando-se em conta o processo formativo do aluno e seu não domínio linguístico e o registro de ser um dos domínios da linguagem que apresenta dificuldades ao ser investigado cientificamente, sendo tais obstáculos pertinentes à abrangência referente ao significado. Para tanto, na continuidade discute-se a arbitrariedade do signo em relação ao significado considerando ser fundamental repassar informações através de práticas educativas, no intuito de facilitar o entendimento do educando. Nesse item traz-se reconhecimento de se ver como fundamental o estudo da natureza do signo, assim como o seu poder de persuasão; traz-se à discussão textual a ocorrência da ideologia no signo. Ainda se apresenta uma abordagem trazendo as palavras como facilitadoras das relações entre o homem e o mundo concreto, pontuando sobre o valor de se escolhê-las devidamente a fim de poder se incluir socialmente. Logo, todo o texto se volta para a abordagem da comunicação através das palavras, faladas ou escritas, trazendo em seu bojo a preocupação de o que é emitido ou recebido seja portador de significado e possa ser reconhecido e interpretado.

PALAVRAS-CHAVE: SEMÂNTICA, ESTUDO, EDUCAÇÃO BÁSICA

1. SEMÂNTICA – POR QUE ESTUDAR A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

O questionamento apresentado na enunciação decorre da necessidade de se explicar o processo de significação das palavras, bem como os impactos deste ante aos indivíduos na educação básica. Ao se falar desta temática, parte-se da semântica estruturalista que, assim como Saussure, se preocupa com a linguagem e não com as coisas do mundo real. Deve tomar-se como referência a sinonímia, a relação equivalente entre dois ou mais vocábulos ou locuções, cujos sentidos analógicos são os mesmos ou aproximados, a antonímia, referência a palavras de sentido contrário e, por último, a hiponímia e a hiperonímia nas quais as relações de sentido dá-se entre as palavras tal que o significado de uma está incluído no significado da outra, sendo o hiperônimo o termo usual para a designação mais genérica e, hipônimo para a mais específica.

A prática docente deve considerar um vasto campo a ser trabalhado, a partir de bases provenientes do estudo de textos, nem sempre de fácil entendimento, das mais diversificadas origens, em grande parte desconhecidos pelos alunos, dado o distanciamento destes com as leituras, e estas insuficientemente trabalhadas em salas de aulas pelos professores. Tal conjuntura gera lacunas no tocante ao (des) entendimento de muitas palavras, com especialidade as polissêmicas que requerem atenção especial para o seu uso, principalmente em atividades envolvendo pessoas em formação lingüística, no caso da educação básica.

O público constituinte desta precisa de estudos que facilitem o entendimento do que é dito ou escrito, o que vai lhes possibilitar assumir postura mais crítica na realidade na qual estão inseridos, sendo capazes de usar com propriedade a linguagem, seja esta pontuada pelo emocional, contemporânea à realização do discurso, seja denotativa, inerente aos vocábulos.

É fundamental um estudo sistematizado, detalhado, didático, contextual sobre o significado de palavras, expressões e de recursos semântico-lingüísticos, possibilitadores da percepção de múltiplos aspectos nas mais variadas produções escritas da linguagem humana, inclusive, considerando a posição de programas oficiais, ao se posicionarem com relação ao assunto.

Ressalte-se, para o aluno, o alerta de que o significado pode provir da multiplicidade de sentidos atribuídos a uma palavra ou as mudanças de acepção partidas do leitor, falante ao considerar intenções, objetivos, entonações, instante e realidade em que certo termo é

expresso, não se deixando de salientar que os citados recursos constituem contribuições objetivando tornar a linguagem mais rica e diversificada, o que nem sempre está na percepção do educando. Deve-se orientá-lo a aceitar a idéia de que é toda uma conjuntura a responsável pelo sentido das palavras e, conseqüentemente, do texto. Para facilitar este trabalho, o educador não deve prescindir de estudos marcados por demonstrações relativas ao mundo da comunicação, do contexto social no qual estão inseridas a linguagem da propaganda e, as publicações diversas que instiguem a descoberta de significados dos textos e das palavras no campo da linguagem.

Assim, tornam-se necessárias atividades que esclareçam o fato de a polissemia ser ampla, abrir-se a entendimentos maiores que os demonstrados por gramáticos tradicionais, observando o olhar de quem sabe, no caso o professor e, o de quem aprende, o aluno, devendo este ser orientado a sempre procurar a enxergar mais longe, em qualquer forma de comunicação que utilize em seus feitos socioeducativos, como se pode perceber em:

Aquele que escreve precisa ter em mente, a cada traço as paredes de vidro dos aquários; as paredes de concretos dos poços; as paredes de pedra das cavernas; as paredes de Eucatex das escolas. Os limites concretos e estruturais em que a sua pena e a sua tinta se movem. Para desfazer a arrogância. Para escrever com carinho. Para escrever não apenas impondo, mas sempre descobrindo. Sempre se espantando com o que descobre e entende, e faz entender e descobrir a outros. Para trocar palavras esforçadas por olhares atentos e amáveis dos leitores. (BERNARDO, 1991, p.158).

Em suma, é necessário esclarecer a bipolaridade do significante e as suas relações envolvendo as influências com o psíquico e o social. Cada um desses dois pontos contribuem decisivamente no entendimento das situações do cotidiano do aluno, principalmente nos anos iniciais.

2. O EDUCANDO E A COMPREENSÃO DA ARBITRARIEDADE NO SIGNO

A Língua Portuguesa apresenta-se versátil no tocante ao seu uso, pois é marcada por um caráter heterogêneo, passível de variações inerentes ao tempo, à localidade, à idade e a classe socioeconômica de seus falantes. Já o léxico está propenso a alterações no seu uso e, como mudam as formas das palavras, seus significados também se alteram, o que muitas vezes poderá confundir a assimilação dos sentidos por parte do aluno da escola básica, em

face ao seu contínuo processo de aquisição da linguagem. Tal aprendizagem da língua é sempre vista de maneira complexa, e, em muito, quando se trata de Língua Portuguesa, é entendido assim:

O que é língua?

Olha... Isso é uma coisa difícil, porque cada vez mais eu tenho dúvidas a respeito do que seja a língua por causa da complexidade. Veja, não me satisfazem definições como instrumento de comunicação, ou como sistema ordenado com vistas à expressão do pensamento, nada disso. Eu penso, na verdade, que a linguagem humana é a condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade. É nesse sentido que nós temos a ver com a língua. É claro que ela tem uma gramática, ela tem um léxico, eu não estou negando isso, mas para mim, o aspecto mais relevante a verificar é que a língua é, de certa forma, a condensação de um homem historicamente situado. Uma língua é isso. (FIORIN, 2003, p. 72).

São questões comumente levantadas, não se podendo deixar de registrar os dinamismos linguísticos ocorridos com frequência. Tais modificações resultam de influências tanto internas quanto externas, advindas do universo sócio-cultural, propiciando novos significados às palavras e o desuso de outras, caracterizando um processo dinâmico. A princípio, é louvável se eleger o contexto no qual está inserido o educando a fim de poder se detectar melhor o seu conhecimento linguístico, o que facilitará a prática docente em sala de aula, reconhecendo ser necessário um preparo didático-pedagógico, na intenção de trazer informações e vieses direcionados ao ensino e aprendizagem de quem apenas conhece a língua adquirida em sua formação social ou se propõe a conhecê-la formalmente via escola.

... as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande a sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tornando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados. (BRASIL, 1998, p. 58-59)

Ao se inteirar desta situação, torna-se possível interpretar e compreender as palavras num patamar equivalente ao do educando, possibilitando-o identificar-se melhor com o código linguístico e perceber o dinamismo das palavras. Assim é preciso fazer uma abordagem sobre a produção de significados no contexto da língua, trazendo à luz do aluno a importância do contexto para a interpretação de sentidos, bem como a possibilidade de se ter a ocorrência de um pluralismo de sentidos, o que o indivíduo ainda não conseguiu internalizar

em face à sua aprendizagem em andamento. Podem ser estudadas abordagens fonéticas, morfossintáticas e semânticas, sobretudo, estas para focar os níveis do léxico, indo da estrutura da frase ao texto, buscando-se captar os significados.

De forma inegável, há de se considerar o crescimento da Linguística embasada das teorias de Saussure, dentre as quais, para o tratamento da linguagem, é influenciado pelos postulados semântico-linguísticos, constituído pela junção de um significante, a imagem acústica, e um significado, o conceito, o que evidencia a definição dada por Saussure (1995, p.81) ao dizer: “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces.” Daí, se fazer imprescindível estudá-los, pautado no referente e no conceito, reforçando a tese de que o significado de uma palavra não ser abolsivo, único, podendo mudar em função do contexto no qual se insere o falante ou os falantes, sendo tais significados definidos mediante a situação comunicativa em evidência.

Para Ducrot (2005, p.10), “o sentido de uma palavra se constrói sempre com a consideração do contexto em que ela aparece”, É a comunicação sincrônica que concretiza os significados no processo interativo falante/ouvinte. Para tanto, o educador, a princípio mais conhecedor, pode se embasar em várias teorias, dentre elas a de Gottlob Frege, em seu artigo “Sobre o Sentido e a Referência” (1978), no qual cocebe o sinal, ou nome próprio, como resultante de uma referência (a coisa por ele designada) e um sentido (o modo de apresentação do objeto), sendo que entre ambos se dá um sentido determinado e, a este, corresponde uma referência determinada, sendo que a uma referência (a um objeto) não deve partir de um único sinal.

Ele reforça a ideia de que “entender-se um sentido nunca assegura sua referência (1978:63), ainda sendo adicionada a representação associada ao sinal, permitindo que uma certa imagem possa ser captada de modo objetivo ou subjetivo.

Partindo desta, é importante que o professor se posicione mediante as suas análises no intuito de facilitar a assimilação discente. Ao discutir e analisar o contexto da enunciação, deve levar em conta a intenção de se identificarem os significados objetivados por um falante em seus enunciados, considerando a plurissignificação e, com ela a possibilidade de uma dada palavra portar significados diversificados, conforme afirma Possenti (1997, p.7): “o sentido não é algo prévio ou pronto que uma forma embala; é, antes, um efeito.” Compete, pois, ao facilitador da linguagem analisar tais ocorrências e torná-las conhecidas junto aos seus alunos.

É sugestivo se buscarem vias mais acessíveis, entre elas a da tese de estudo dos componentes do signo a saber, o conceito (significado) e a imagem acústica) significado são

passíveis a entendimentos arbitrários. O elo entre significante e significado é discutível, especificamente qual se vê tal relação como um todo; tal entendimento precisa ser esclarecido a fim de não prevalecer a concepção dominante da sempre arbitrariedade, deixando evidente que o “arbitrário” também não faculta uma associação livre de uma palavra a outras significações, não se dando a ideia de que o significante seja dependente da livre escolha do que fala.

O significante não possui uma ligação natural com o significado; o aluno precisa ser esclarecido sobre todas essas evidências a fim melhor poder se encontrar com as palavras dentro do seu universo de significações no contexto linguístico, no qual língua e pensamento mantêm estreitas relações. Necessário também, se esclarecer a existência de valores linguísticos de significação que vai aparecer no campo conceitual e pode envolver tanto situações sinonímicas quanto paradoxais, sendo mais que imprescindível que então se considere a interpretação, objetivando se chegar à pretendida significação.

Assim, levando em conta a real existência da variedade linguística que se pontua por caracterizar “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com valor de verdade”, conforme Tarallo (2002, p.8), torna-se mister que a escola realize trabalhos no intuito de facilitar a aquisição linguística, orientando crianças, jovens e adolescentes, permitindo-os tornarem dominantes e eficientes falantes de sua língua materna, o que vai lhes assegurar futura cidadania, pois isto se constitui importante passo para a inclusão social e, sobretudo, tornando-os sujeitos de uma ação discursiva.

3. PALAVRAS: FACILITADORAS DAS RELAÇÕES HOMEM E MUNDO CONCRETO

Cotidianamente a comunicação humana se dá em grande escala através das palavras, fazendo com que estas tornem-se facilitadoras nas relações com o mundo material e concreto. No tocante ao uso linguístico por parte do aluno na educação básica, deve-se considerar o seu conhecimento informal, mas é louvável que o educador o oriente a voltar a atenção para elas, conscientizando de que sempre que são usadas há um outro a ouvir, apreciar o falado e o escrito, observando o enlace natural entre as palavras e o novo sentido em cadeia com outras.

Amotivação que prevalece para a escolha de palavras em um texto é, portanto, de ordem sociognitativa, quer dizer, está presa aos sentidos e aos propósitos que partilhamos em cada situação de interação. Escolhemos palavras conforme elas nos pareçam adequadas para expressarem o que

queremos dizer e fazer com elas. Ninguém, ao falar ou escrever nas atividades sociais do dia a dia, faz escolhas aleatórias ou seleciona as palavras pelo tamanho que elas têm, pela classe gramatical a que pertencem ou pela letra ou fonema com que se iniciam. (ANTUNES, 2005, p. 126)

Nesse contexto, deve-se orientar para o uso do uso correto da linguagem, o que vem se constituir numa grande saída, uma abertura para a inserção no grande mundo. Com isso, virão conquistas de ideais e a realização de grandes sonhos povoadores da cabeça desses inúmeros constituintes da escola em sua formação básica. Imprescindível se abordar o poder que as palavras exercem em sua dimensão semântica, tornando-se fundamental que elas sejam escolhidas antes de serem proferidas, a fim de traduzirem substancialmente uma realidade e consigam chegar devidamente ao seu receptor.

O aluno precisa ser advertido de que a palavra lida ou falada cria reações na atitude de quem a lê ou a escuta e, como ação em constantes movimentos gera resultados. A palavra detem forças as quais concretizam o pensamento e nas relações humanas é a ferramenta indispensável para a interação social e o conolidar de projetos tanto em âmbito pessoal quanto profissional. Ao se aprender a linguagem já se constitui em ato reflexivo sobre esta; as ações linguísticas ocorridas nas interações sociais promovem tal reflexão, considere-se que compreender a fala do outro e fazer-se compreender por este constitui o diálogo; ao compreender o outro, ocorre uma correspondência entre as palavras dos falantes.

Evidentemente um ato comunicativo não deve ser marcado por uma ruptura, pois se assim acontecer denota falha no entendimento, sendo que o deve ocorrer uma busca de sentido, a qual vai trazer à tona uma outra constituindo elos comunicativos, os quais se dão com êxito, mediante correlação precisa entre as partes. Logo, desde a mais tenra idade a criança já deve ser trabalhada no sentido de conscientizar-se de que a boa aquisição e o bom uso da linguagem podem ser super significativos em suas vidas, para usarem a palavra certa no momento ideal, com o sentido preciso, com o tom de voz adequado no intuito de os ventos da realidade soprarem a seu favor.

Uma temática que não pode deixar de ser abordada e, conseqüentemente estimulada como um despertar para o uso linguístico do educando, é a do signo e a persuasão, podendo serem tomadas como referências os pensamentos de Emile Benveniste, que avança as discussões em torno da natureza e das funções do signo linguístico.

O seu entendimento a relação entre palavras e coisas não está apenas determinada pela arbitrariedade (mesmo que ela exista), mas, sim, pela necessidade. Toda a conjuntura na qual o humano está inserido, envolvendo o mundo concreto, os anseios espirituais são

pontuados por uma carência de nomeação aos objetos. Daí, a arbitrariedade assumir plano secundário, decorrente da necessidade. Assim devem ser feitas observações no sentido de ser o signo o mediador em toda essa contextualização e a maneira como se articulam, organizam constitui-se em determinante dos rumos a serem tomados pelo discurso, o qual pode ser portador de um índice maior ou menor de persuasão.

Para tanto, precisa-se repassar a informação de que o signo vem sempre revestido de ideologias, considerando-se ser de extrema importância estudar a natureza do signo, por parte do professor, a fim de dar mais amplitude ao assunto e, conseqüentemente, ser repassado com maior eficácia para o aluno, alvo do ensino que em se tratando de aprendizagem, levando em conta situação histórico-social, como espaço que propicia os entendimentos, a interação como relação envolvendo um eu e um tu; uma relação interlocutiva, a qual se dá a partir de um conjunto; a produção de discursos significativos, aproximados pelo significado e a língua enquanto sistematização aberta, permitindo serem produzidos outros discursos, mesmo que esta não seja a condição vital para estes ocorrerem.

Se entendermos a linguagem como mero código, e a compreensão como descrição mecânica, a reflexão pode ser dispensada; se a entendermos como uma sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos, a compreensão já não é mera decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo.” (GERALDI, 1997, p.18).

Tal consciência da importância dessa pontuação, pode ser provada através dos postulados de Bakhtin em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, a qual é impensável distanciar-se das ideologias dos signos, e que a questão destes vincula-se a das ideologias, havendo entre os dois uma relação de dependência que se torna perceptível ao serem estudados os valores e as ideias contidas nos signos constitutivos.

Ressalte-se que uma ideologia constitui uma realidade (social ou natural) comparando-se a a um corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; entretanto, reflete uma realidade exterior. Tudo o que se considera ideológico é detentor de significado remetente a algo fora de si mesmo. Bakhtin comprovou com propriedade tais colocações quanto tomou como referência o “martelo” que além de instrumento de trabalho, ao se unir à foice, passou a produzir a concepção de que o Estado Soviético formava-se pela aliança dos trabalhadores urbanos com os rurais, assumindo uma postura político-social, ou seja, o martelo e a foice tornaram-se signos, dado a situação de terem sido perpassados pelas ideologias e estas ganham continuidade na ocorrência descrita chegando a fazer parte da

bandeira da ex-URSS. Por tudo isto, reforça-se a tese de que é mais que cabível estudar as relações nas quais se fundem as palavras e o mundo concreto no processo formativo, com especialidade na educação básica.

Para ampliar e facilitar o entendimento, podem ser tomados outros instrumentos, bens de consumo, os quais perderam o sentido inicial e passaram a ser signos, a título de exemplos o pão e o vinho para os cristãos, a balança para a justiça, a maçã para o pecado, entre outros, ou seja, aqueles que se tornaram repassadores de ideologias, o que vai facilitar o entender em face à intenção didática docente, desde que este também se preocupe em reconhecer e, conseqüentemente, trabalhar as ideologias trazidas por tais elementos. Algo que deve ser trabalhado é o fato de o signo ocorrer em função das organizações sociais, daí só poder ser pensado social e contextualmente, criando-se uma forte elo entre e a formação da consciência individual e o universo dos signos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias abordadas neste trabalho são portadoras de uma identificação singular: voltam-se para o campo das significações, as quais são marcadas por uma abrangência em face as inúmeras possibilidades de expressão. Ressalte-se a eleição da análise do signo, sentido e significação, como temática discutida, voltando-se para a sua meta-natureza, fenômeno que o vincula em relação aos outros, com especialidade àqueles em processo de aprendizagem e aquisição da língua materna, os quais precisam assimilar toda essa conjuntura que oscila em torno de um signo, especialmente sendo capaz de reconhecer a ilimitada significação deste, a sua carga ideológica e o seu poder persuasivo.

Durante a abordagem, o pensamento bakhtiniano ao ver o signo, para o homem, atua como a mola propulsora no sentido de buscar a sua inserção na sociedade e acompanhar as transformações sócio-culturais foi a temática mais evidente, comportamento peculiar ao aluno da educação básica.

Abriam-se várias discussões envolvendo teóricos renovados, mas não se buscou atrelar a relevância do assunto as posições destes, mas acima de tudo, procurou-se discutir como principal reflexão o repasse, os ensinamentos, em suma o processo de ensino da língua materna na educação básica, sendo que então apresentou-se toda uma pontuação envolvendo signo e as suas significações, buscando-se fortalecer a necessidade um estudo pautado na compreensão da linguagem, vendo isso como elemento imprescindível para as realizações humanas em todas as suas dimensões.

Por isso, todo o texto foca a relação entre língua, signo e ensino, não apenas um uma abordagem estrutural do sistema linguístico. Mostrou-se a necessidade de que o professor se empenhe em possibilitar o aluno enxergar mais longe por meio das palavras e conseqüentemente, pelo funcionar linguístico, manipular esse saber em prol de uma expressão competente e inserir-se no mundo social, sendo capaz de lidar com o conhecimento de forma favorável.

Em linguagem objetiva, sugere práticas construtivas com os alunos, uma avaliação constante das vivências e relação professor-aluno encaminhando-os para um ensino produtivo na educação básica. A sugestão é reconhecer o outro no processo de comunicação, o que poderá somar resultados reconhecidos e duradouros. Em suma, a ideia defendida é que se estude a significação das palavras e seus desdobramentos a fim de que o domínio linguístico se efetive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. São Paulo: Globo, 4ª ed., 1991.
- BRASIL. **Introdução aos Parâmetros curriculares nacionais**. MEC, 1998, (p.58-59)
- DUCROT, Oswald. **A pragmática e o estudo semântico da língua**. Revista Letras de Hoje, Edipucrs, Porto Alegre:, 2005. (p.9-21)
- FIORIN, José Luiz. **(Entrevista)**. In: Xavier, A.; Cortez, S. (Orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2003,
- FREGE, Gottlob. **Sobre o Sentido e a Referência**. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978. (p.71-76).
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Mal comportadas línguas**. São Paulo: Criar, 1997.
- SAUSSURE, F. **Natureza do signo linguístico**” In: **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995, (p.79-84).
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.